

## PARA-FORMAL NA QUEBRADA: ESTUDO PARA UMA CARTOGRAFIA POÉTICA

HUMBERTO LEVY DE SOUZA<sup>1</sup>; LORENA MAIA RESENDE <sup>2</sup>  
TAIS BELTRAME DOS SANTOS <sup>3</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – levyarqui@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tais.beltrame@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - lorenamilitao@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é o marco inicial para diversas investigações/explorações/experimentações-cartográficas que se pretendem construir em periferias através do caminhar como prática estética, considerando ser uma experiência essencial para entender o território que vivemos e que pretendemos agir. O Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel estimula práticas cartográficas que vão de encontro com a cidade contemporânea real, que dribla os planos diretores e que funciona através de dinâmicas imprevistas por arquitetos, urbanistas e planejadores. E é através da cartografia urbana que se pretende formular uma práxis de criação de subjetividade do sujeito periférico. Acredita-se que são nas fronteiras difusas entre trabalho, presença precária do poder público, estratégias de sobrevivência e atividades no limiar entre o lícito e o ilícito que se evidenciam as práticas de configuração da cidade contemporânea, a sua dinâmica de intercâmbios e lugares. Dessa forma, a cartografia proporciona um meio capaz de estimular uma prática para os sujeitos coletivos no sentido de um reposicionamento da periferia no contexto da cidade.

A investigação foi realizada, durante um período de dezoito dias, na margem da capital São Paulo, no bairro Cidade Tiradentes, localizado no extremo leste da cidade. O território abordado está no limiar entre a capital e o município Ferraz de Vasconcelos, e é uma invasão de caráter habitacional. Já conta com um curioso planejamento urbano: loteamento dos terrenos (planejados, para que a prefeitura não reivindique a posse desse território) e distribuição de serviços (energia elétrica e água) para todos moradores.

Quando a periferia fala sobre a periferia ela escolhe um entre tantos nomes que possuí: Comunidade, Pedaço, Área, Favela, Quebrada, entre outros. O termo *quebrado* me convém, porque sinto um afeto pela palavra. Essa me evoca um sentido fragmentário de algo que tem tantos pedaços espalhados que nunca poderemos recolher todos. Também se relaciona com as teorias do surrealismo etnográfico desenvolvidas por James Clifford (2011) escolhido como ferramenta para ser explorada na cartografia. É comum, que em São Paulo, as pessoas chamem umas às outras de *quebrada*, evidenciando a intrínseca relação das pessoas com os lugares que elas habitam. Acredito, ao me incluir nessa coletividade que um grupo não pode ser entendido sem o seu território, no sentido que a identidade sociocultural das pessoas está inevitavelmente, ligada aos atributos da paisagem (GORAYEB, MEIRELES, 2014). Sendo assim, a produção de conhecimento acadêmico por pessoas da periferia também é um objetivo deste trabalho, e se faz necessário para que afirmemos nossas subjetividades e histórias dentro de contextos onde somos objetos de estudo de pessoas que nunca estiveram em situações parecidas.

O para-formal é um conceito criado pelo grupo argentino GPA (2010). É um conceito de fronteira que, ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui se desenvolve a verdadeira máquina da cidade.

Este aspecto informal, longe de ser ocasional, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades na contemporaneidade - os lugares considerados para-formais são aqueles que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), são constituídos por três pontos essenciais: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; a cidade em desagregação, os processos de acordos urbanos conflitivos, friccionantes ou catastróficos e; as situações urbanas onde existam fortes "indiferenças" estratégicas entre os atores denominamos como "cenários urbanos para-formais". E o que pode ser mais para-formal que uma quebrada onde a condição de habitação, de fornecimento de serviços seguem padrões formais, mesmo as ruas não possuindo nem mesmo nome e as casas numeração?

Esse estudo busca compreender um pouco da vida marginal, o lugar em transformação, o modo de criar novas visualidades para auxiliar na percepção da cidade e dos cidadãos contemporâneos que de alguma forma convivem com a ilegalidade, com o ilícito e com o informal.

## 2. METODOLOGIA

Delimitou-se para a metodologia dessa pesquisa que a investigação do território se desse através da caminhada errante e da estadia nesse ambiente como uma prática estética, a fim de coletar imagens e testemunhos para registrar a paisagem do local, a transformação das casas e o trajeto da população.

A cartografia é um meio e não um método para se acompanhar algum processo, dessa forma a cartografia inverte o sentido tradicional da metodologia - definido por um caminho predeterminado por metas - e se apresenta como um instrumento a ser experimentado, onde o caminho que ditará as metas. Nesse sentido a cartografia acompanha diretamente o tempo real, ela afeta o ambiente ao mesmo tempo que este a afeta, não surge de ordens bibliográficas mas faz uso da biografia como ferramenta de discussão. É tarefa do cartógrafo dar voz para novos afetos que pedem passagem, do cartógrafo se espera que este esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo, e que atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 1989)

Quanto ao uso das teorias do Surrealismo Etnográfico no projeto: o rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação dos artefatos de determinada realidade cultural e o termo surrealismo é usado em um sentido expandido para determinar uma estética que valoriza, fragmentos, coleções curiosas, justaposições inesperadas que servem para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base no domínio do erótico, do exótico e do inconsciente (CLIFFORD, 2011), e é adequado para abordar os encontros curiosos que costumam acontecer na Cidade Tiradentes.

Essa cartografia é construída através da ótica de uma pessoa que vivencia o ambiente, se retira por tempo indeterminado e retorna, se propondo a revisões

infinitas do seu conteúdo, sempre atento a acompanhar as mudanças percebidas após os intervalos de estar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nas fronteiras difusas entre trabalho, presença precária do poder público, estratégias de sobrevivência e atividades na fronteira entre o lícito e o ilícito que se pode procurar entender algo sobre as práticas de configuração da cidade contemporânea, na sua dinâmica de intercâmbios e lugares, com capacidade para fornecer uma prática para os sujeitos coletivos no sentido de um repositionamento da periferia no contexto da cidade.

A produção de uma cartografia da quebrada feita por sujeitos que habitam o território ou que se sentem parte dele, pode contribuir para o desenvolvimento de discursos contra hegemônicos que massificam representações negativas a respeito dos espaços periféricos e de seus moradores. Preconiza-se uma narrativa diferente, calcada no orgulho de habitar a margem, e revelando alternativas (sociais, culturais, econômicas e políticas) que apenas a periferia, em oposição a ordem social excluente, pode oferecer.

Do contato direto com a dicotomia vida periférica que de um lado apresenta uma linda faceta criativa e de outro, sua face suja - sem recursos financeiros e abandonada à própria sorte pelo poder público - que essa cartografia procurou se estabelecer a partir de fotos e vídeos. Então, da seleção desses registros que nasce o zine fotográfico *Boladinho de 2*, produzido pelo autor deste resumo com colaboração direta de David Batista Soares, - morador e autor de fotos que estão na publicação - e do auxílio de moradores que através de conversas contribuíram para a apreensão do lugar. O trabalho indaga sobre a paisagem urbana e os seus condicionantes e é o resultado desse estudo cartográfico inicial. O trabalho sugere, através de fotografias e pequenos textos, abordar alguns aspectos da vida na periferia, apresentando fragmentos sobre o espaço público, moradia, economia informal e os diferentes estilos de vida nesse cenário urbano.

### 4. CONCLUSÕES

A cartografia enquanto método de pesquisa, formação de uma ética-estética, tem uma série de particularidades, é um método que não se aplica, mas que se pratica. A cartografia é um cultivo e dela pode se colher diversos produtos. Não existe um conjunto de regras a serem aplicadas a um objeto de estudo, pois a cartografia é um método em processo de criação, coerente com a realidade aquilo que se investiga. (DI FELICE, 2017)

Como referência para uma vida entre as diferenças, mesmo em situações de escassez, de carência e de ambientes físicos com pouca qualidade de estrutura e conforto. Apesar de tudo, estes espaços apresentam uma intensa dinâmica de intercâmbio, criatividade e gestão partilhada de escassos recursos. E é nesse sentido, de reforçar o potencial da imaginação para meios materiais e humanos, que a vida na informalidade tem algo de muito positivo. Reforçar a nossa percepção sobre a singularidade de cada situação na perspectiva da sua articulação com o circuito da interligação e da informação, revelando potenciais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo.** Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

JAQUES, Paola. Apologia da deriva; escritos situacionista sobre a cidade. Rio de Janeiro; Casa da palavra, 2003.

KASTRUP, Virgínia. In: **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

FELICE, E. LUDUS HUMANUM EST - Brincar é humano, errar é um devir. **PIXO**, revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, Pelotas, v.2, n.2, p.86-99, 2017.

SOARES, L.B. ; MIRANDA L.L. - Produzir subjetividades: o que significa?. **Resvista Estudos e Pesquisas em Psicologia..** Rio de Janeiro, v.9, n.2 , p.408-424, 2009.

CLIFFORD, James. **Sobre o surrealismo etnográfico**, in. A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011

### Documentos eletrônicos

GORAYEB, A. **Cartografia Social e Populações Vulneráveis.** Oficina do Eixo Erradicação da Miséria. Fortaleza, fevereiro 2014. Acessado em 13 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Cartilha-Cartografia-Social.pdf>